

OLHO CLÍNICO

JOAQUIM MENEZES



A Iberomoldes está de parabéns, assim como o presidente do Conselho de

Administração do grupo da Marinha Grande. Joaquim Menezes apresentou na semana passada a cabine de uma aeronave inovadora, que a SET desenvolveu em consórcio. Fazer engenharia e produzir moldes para um protótipo onde a Embraer é parceira é, por si só, uma excelente forma de divulgar a capacidade do grupo.

NUNO DIAS



O Instituto D. João V não conseguiu o apuramento para a final da 1ª Divisão de

futsal masculino, mas obrigou o Benfica a suar, e muito. Mais uma grande temporada do clube do Lourçal, que tem no seu treinador um mestre da tática.

MARIA JOÃO DOMINGOS



O Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor, presidido por Maria João

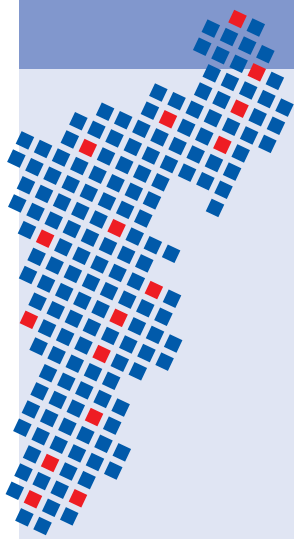
Domingos, vai amanhã ser condecorado pelo Presidente da República com a Ordem de Mérito. Uma distinção que reconhece o trabalho desenvolvido pela instituição de Caldas da Rainha ao longo dos 35 anos de existência no apoio ao cidadão com deficiência.

TEIXEIRA DOS SANTOS



Um despacho do Ministério das Finanças, ainda tutelado por Teixeira dos Santos,

suspendeu as obras de estabilização das arribas de S. Pedro, que estão em risco de derrocada. A mesma 'sentença' foi dada pelo ministério à ponte das Terrenas, na Praia da Vieira, que se encontra também em perigo. O País precisa efectivamente de reduzir despesa, mas deverá isso ser feito à custa da segurança das pessoas?



REGIÃO POSITIVA REGIÃO POSITIVA REGIÃO POSITIVA



Bom Sucesso com assinatura de dois prémios Pritzker

Arquitectura contemporânea integrada na natureza é o conceito estratégico do empreendimento Bom Sucesso, em Óbidos, o que explica que o projecto tenha a intervenção de 36 arquitectos de renome internacional. Entre eles estão Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto Moura, os dois arquitectos portugueses galardoados com o Prémio Pritzker. Classificado como projecto de Potencial Interesse Nacional (PIN), o Bom Sucesso leva o nome de Óbidos e de Portugal além fronteiras, já que 70% dos compradores são estrangeiros. A Direcção Geral de Turismo atribuiu a classificação de cinco estrelas ao seu aldeamento turístico.

PÁGINA 23

| Impressões |

Visita a um covil de ladrões

A maioria dos portugueses considera o Estado como um covil de ladrões. Já aqui o disse mas agora vem mais a propósito. Isso é o ADN duma cultura sem consciência política. Mas, por «Estado», entende o elenco governativo. E não é por falta de instrução como, há 40 anos, os cidadãos acusavam os meios populares. Até constatamos que, quanto mais instrução, mais cumplicidade com os corruptos e ladrões públicos. A instrução até serve de justificação para a corrupção.

Essa é a razão da forte abstenção eleitoral (mais de 41% a nível nacional, mais de 50% em certas regiões). A maioria não tem opções políticas; só se exprime para «pôr lá» um chefe. Os partidos pequenos (com quem até diz simpatizar) «não têm hipóteses» (não votam neles); enquanto os grandes «são todos iguais» e abstêm-se (eleger os ladrões?). O Chefe do Estado disse solenemente (imagine-se!) que os abstencionistas «não terão autoridade para criticar as políticas públicas». Olhe que têm! Garantido pela Democracia. Ele é, aliás, um dos principais responsáveis pela abstenção crónica porque bateu o recorde de anos como primeiro-ministro (a abstenção começou com ele) e, agora, é o primeiro político do País. Quanto mais alto, mais responsável. Não acuse os pobres-diabos pelo descrédito do sistema.

Os governantes de Portugal sempre se notabilizaram por descobrir maneiras de «viver à custa». No passado era das colónias. Nos anos 60-80 foi das «remessas dos emigrantes»; depois, foi do ouro que Salazar tinha acumulado; depois passaram a viver da CEE, aceitando ser pagos para destruir a agricultura, as pescas e a indústria naval, genuínos meios de produção económica auto-subsistente. Até que os credores lhes cortaram as vazas. Hoje estão à rasca. Não sabem como pagar as suas extravagâncias públicas, as suas fachadas, os seus currículos de ministros e de autarcas presunçosos que «fizeram obra» à custa do alheio, literalmente, a crédito. Depois de 30 anos de regabofe, os credores fizeram-lhes, como se diz, o manguito («Queres fiado? Toma! Paga primeiro o que deves»). Ficaram sem crédito nas praças do mundo. Até se batem por governar às ordens dos credores estrangeiros. O povo que pague a crise.

Enquanto os estratos de agricultores, de pescadores e de artesãos familiares (que produziam em família) eram majoritários, esta complacência com o parasitismo de Estado era apanágio das classes urbanas, minoritárias. Com a ascensão daqueles estratos à «classe média» urbana, assalariada ou empresarial, passou a ser uma norma dominante, maioritária. Mas, apesar da instrução, por «dinheiros públicos» continua a entender-se «dinheiros de ninguém» ou, como no passado, «dinheiros da coroa» (dos usurários da realeza), portanto, susceptíveis de ser pilhados pelos «espertos». Com a anuência dos tribunais. O povoleu dum supermercado pode barrar a passagem a um ladrão de yogurtes mas bajula os ladrões dos «dinheiros públicos». Há, assim, continuidade nas mentalidades. Até podíamos dizer que houve mudança para pior, para a generalização dos valores maus.

O critério para o povo eleger um candidato pode ser a sua esperteza para roubar os bens públicos. Basta que ele se apresente escorregado e rodeado de uma cáfila de assessores. «Elas até correm para beijar quem lhes tirou o abono de família», ouvi de um reformado na Marinha Grande, referindo-se ao (abominável) Sócrates, um verdadeiro chefe de quadrilha (entenda-se por «quadrilha» o que se quiser) apoiado por uma massa de lorpas que tomam os críticos do sistema como incapazes para a trafilhice.

O *Público* de 5 de Junho publicou esta notícia: «Secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, em 18 meses, fez 13 visitas a *offshores* para fazer acordos», levando consigo sucessivas e largas comitivas de gente que o governante não quis justificar. Eu, que sou leigo em Finanças (como Jesus Cristo, segundo Fernando Pessoa), não imaginava que um governo visitasse *offshores* que são os ladrões dos impostos... O que me veio à mente foi: «visita de Estado a um covil de ladrões». Que tipo de acordo faz o Governo com os ladrões de impostos? Visita de cortezia ou de negócios? As comitivas foram lá fazer o quê? Uma visita guiada? Ou foram abrir uma conta... na fonte? É legítimo desconfiar de tudo com estes ministros do (abominável) Sócrates. Manuela Ferreira-Leite até disse que nem na oposição o quer ver. Mas vamos ver outros. Eles reproduzem-se como a sarna. ■



Moisés Espírito Santo
Sociólogo, docente do Ensino Superior

| Na ponta da língua |

Hoje vivemos num mundo a duas velocidades, e a velocidade da UE é lenta

Augusto Mateus, economista, *Público*

Investiu-se nas universidades para ter mão-de-obra qualificada, mas não se investiu na mudança estrutural da economia para criar emprego

Idem

Vivemos numa sociedade de consumidores de acontecimentos em vez de produtores

Carlos Costa, governador do Banco de Portugal, *Jornal de Negócios*

Os convites para lugares no Governo são como as condecorações: não se esperam e não se pedem – aceitam-se

Diogo Leite Campos, vice-presidente do PSD, *Diário de Notícias*

Não há derrotas honrosas

Almeida Santos, presidente do PS, *i*

Ter um ministro das Finanças muito bom tecnicamente, mas que não sabe nada da componente humana e social seria terrível

Alberto Soares, economista, *Diário Económico*

O povão não sentiu “a pátria em perigo” e não se mostrou disposto a passar um cheque em branco ao sistema

José Adelino Maltez, politólogo, *Diário Económico*

Somos [o País] um caso particular de inépcia e má gestão

António Carrapatoso, presidente da Vodafone, *Jornal de Negócios*

Somos uma sociedade de dependentes. Dependentes do patrão, dependentes dos salários baixos, etc...

Idem

Precisamos de um governo que trabalhe e deixe trabalhar

Filipe de Botton, presidente da Logoplaste, *Diário Económico*

Só os árbitros é que sabem o que é que, a seguir a um Benfica – FC Porto, eles e as famílias sofrem

Pedro Proença, árbitro de futebol, *Público*

Martingança recebeu cabine de avião produzido pela SET

Iberomoldes apresenta “brinquedo” de luxo para executivos

Podem chamar-lhe “brinquedo de luxo de quem tem poder económico”, mas trata-se de um avião “prático” para os que se movem no mundo dos negócios e não têm tempo a perder. Quem o diz é Luiz Fuchs, presidente da Embraer na Europa que, em parceria com SET (grupo Iberomoldes), Amorim Cork Composites, Couro Azul, Inegi e AlmaDesign desenvolveu o protótipo de uma luxuosa cabine de avião executivo.

A cabine inovadora e o projecto que lhe deu origem, LIFE – Lighter, Integrated, Friendly and Eco-efficient, foram apresentados na passada semana, na Martingança, demonstrando as capacidades de engenharia e de produção do grupo Iberomoldes.

Joaquim Menezes, presidente do grupo da Marinha Grande, explicou que a engenharia aeronáutica é um domínio onde a SET tem vindo a apostar desde sempre. Trata-se de um “nicho” a explorar não só por este grupo como por outras empresas de moldes do conceito.

Com um investimento de 1.85 milhões de euros, cofinanciado pelo QREN, o projecto LIFE desenvolveu-se com o objectivo de conceber uma cabine de uma aeronave inovadora, através da multidisciplinaridade entre empresas, demonstrando soluções mais eco-eficientes, leves e confortáveis, e que sejam – espera-se – a base de futuros *spin-offs* nesta área.

A concepção das janelas, que permite uma maior visibilidade exterior e uma entrada abundante de luz, a aplicação de um sistema de sensores de movimentos



SEED, que possibilita a adaptação de diferentes intensidades de luz e de cor, e ainda o conforto térmico e acústico assegurado pela utilização de cortiça e pele são algumas das características a descobrir no interior da aeronave. A maquete em tamanho real será apresentada dia 20 na feira internacional de aeronáutica, em Paris. ■

Daniela Franco Sousa

Construção, restauração e comércio entre os sectores mais afectados

Portugal perdeu 19 mil empresas em três anos

Em apenas três anos, a crise e a simplificação dos encerramentos contribuíram para o fim de quase 113 mil sociedades. No entanto, de acordo com dados do Ministério da Justiça, uma vez que foram extintas 113 mil sociedades e criadas 94 mil, o País perdeu cerca de 19 mil empresas entre 2008 e 2010.

Nestes três anos, houve 112.709 dissoluções de empresas. Destas, cerca de 60% ocorreram por liquidação oficiosa, procedimento inscrito no programa Simplex e levado a cabo pelo Instituto dos Registos e Notariado, quando as sociedades deixam de cumprir obrigações, como redenominar o capital social para euros ou apresentar a declaração de IRC. As restantes 45.516 empresas dissolvidas inserem-se no grupo das extinções normais, que acontecem, por exemplo, em caso de falência.

No mesmo período, foram constituídas 94.030 sociedades em Portugal. Em 2010, houve uma subida de 5.2% face ao período homólogo, mas o número de empresas criadas ficou aquém do nível de 2008 (32.899).

Comparando as empresas criadas e as extintas, con-

clui-se que, neste período, o saldo foi negativo, resultado na perda de 18.679 sociedades. Apesar de ainda não existirem dados comparativos de extinções e constituições relativos a 2011, o Ministério da Justiça avançou ao Público que, no primeiro trimestre deste ano, já foram dissolvidas 4471 empresas, das quais 1028 por via oficiosa.

António Saraiva, presidente da Confederação Empresarial Portuguesa, disse àquele jornal que o tecido empresarial português tem sido “muito penalizado pelos aumentos brutais das matérias-primas e dos custos unitários do trabalho”. Construção, restauração e comércio são apontados como “os mais afectados”. As empresas portuguesas “não estavam preparadas para as mudanças abruptas” dos últimos tempos e ficaram “mais fragilizadas” pelas dificuldades de acesso ao crédito, remata. A Confederação vai pedir que parte do empréstimo de 78 mil milhões de euros, acordado com as entidades externas, seja canalizado para empresas nacionais, especialmente para PME. ■

Leiria

Global Visão abre loja na Caranguejeira

“Contrariando as tendências actuais do mercado”, a Global Visão abriu a semana passada um espaço na Caranguejeira, Leiria. “Irreverência, profissionalismo e qualidade, que caracterizam esta óptica há mais de 15 anos”, estarão presentes também na nova loja, garante João Mendes, sócio-gerente (na foto com a colaboradora Liliana Lopes). Também o conceito Ponto G, já presente no

espaço de Leiria, marcará presença na Caranguejeira para “apresentar os melhores produtos e serviços” para a saúde visual dos clientes. Com uma equipa “altamente qualificada” e técnicos especializados em optometria, a Global Visão disponibiliza óculos de sol de várias marcas, uma “vasta gama” de lentes e armações, lentes de contacto e consultas de optometria gratuitas. ■



REGIÃO POSITIVA

Arquitectura integrada na natureza distingue Bom Sucesso

O Bom Sucesso *Design Resort*, Leisure Et Golf veio assumir-se como “único e inovador”, integrando o elemento *design* e convertendo-o “em algo tangível e com valor económico para o turismo e imobiliário”. Promovido pela Acoro SGPS, liderada por Paulo Graça Moura (na foto), o empreendimento conta com a assinatura de 36 arquitectos de renome, entre eles Siza Vieira e Souto Moura (galardoado com o Pritzker), Alcino Soutinho, Gonçalo Byrne, Álvaro Leite Siza, Carrilho da Graça e David Chipperfield (detentor do Prémio Mis Van Der Rohe), entre outros. Com 601 moradias, um campo de golfe de 18 buracos e vários outros equipamentos, terá ainda um hotel Hilton de cinco estrelas. Já recebeu vários prémios.

Qual o conceito base do Bom Sucesso?

O conceito estratégico do *resort* – arquitectura contemporânea integrada na natureza – foi criado tendo em conta um conjunto de pressupostos, entre eles, e mais importante, uma forte determinação para criar um projecto inovador e de âmbito internacional. Neste sentido, quisemos “romper” com o que se fazia em termos nacionais e internacionais. Quando lançámos o projecto sabíamos que tinha um carácter único, não só em Portugal como no estrangeiro. Por esta razão teve, desde o seu lançamento, uma enorme notoriedade na imprensa como algo de inovador e único que estava a ser construído na Europa.



Quem são os compradores?

São portugueses e estrangeiros, numa percentagem de 30 e 70 %, respectivamente. Tal como prevíamos no plano de negócios, o projecto começou por ser comercializado no mercado nacional e teve uma enorme adesão. Mais tarde, quando começámos a internacionalização, o peso dos clientes internacionais foi ganhando peso. Temos clientes oriundos de diversos países, com particular importância da Espanha, Inglaterra e Holanda.

Que novos mercados gostariam de conquistar?

Há particularmente dois que consideramos relevantes: Alemanha e Escandinávia. Esta é muito importante por duas ordens de razões: é um mercado emissor de golfe muito relevante e tem uma enorme tradição de arquitectura e *design*, pelo que um projecto como o Bom Sucesso, onde a arquitectura tem um peso decisivo, tem seguramente interesse. Tínhamos como necessária esta diversificação geográfica, mas a crise veio acelerar todo este processo.

As vendas estão a corresponder às expectativas?

Antes da crise as vendas superaram largamente as nossas expectativas. Começámos a comercializar a segunda fase bem mais cedo do que tínhamos planeado, devido ao sucesso comercial da primeira fase. Foi muito interessante confirmar a receptividade do mercado para um projecto tão inovador. Neste momento, e devido à adversidade do contexto económico, nacional e internacional, as vendas baixaram drasticamente. O problema da imagem de Portugal no estrangeiro é sem dúvida muito relevante e desmobilizador para os investidores. A estabilização, quer da questão financeira quer da questão política, é decisiva para o contexto das decisões de investimento em Portugal. ■

Raquel de Sousa Silva